



**ÁREA TEMÁTICA: Gestão Ambiental**

## **AS REDES SOCIAIS COMO ESPAÇO ESTRATÉGICO PARA A PROMOÇÃO DE HÁBITOS ALIMENTARES SUSTENTÁVEIS E COMBATE À GERAÇÃO EXCESSIVA DE RESÍDUOS SÓLIDOS**

*Paiva, Mércia Vandecira Nunes<sup>1</sup> (mvnp20@gmail.com), Antonini, Ana Carolina Magalhães<sup>1</sup> (krolantonini@gmail.com), Saturnino, Sthephany Vitória Valoz<sup>1</sup> (stetinhaa@gmail.com), Zaneti, Izabel Cristina Bruno Bacellar<sup>1</sup> (izabel.zaneti@yahoo.com)*

1 Universidade de Brasília

### **RESUMO**

Este artigo propõe a utilização das redes sociais como espaço estratégico para a promoção de hábitos alimentares sustentáveis, pretendendo, dessa forma, combater a geração excessiva de resíduos sólidos advindos de embalagens dos alimentos industrializados. Como objetivo principal, procurou-se apresentar a importância da utilização das redes sociais como espaço estratégico para a divulgação de hábitos alimentares mais sustentáveis em combate ao consumo excessivo de produtos industrializados que geram resíduos sólidos que, muitas vezes, não são reciclados. A metodologia adotada neste artigo foi uma revisão bibliográfica utilizando fontes primárias e secundárias. Para tal, foi desenvolvido um levantamento bibliográfico, buscando-se referências em diferentes publicações (teses, artigos científicos, periódicos, dentre outros) para que se embase todo o contexto teórico analisado neste estudo. Percebeu-se que a educação ambiental informal busca promover a formação de atos e atitudes para a preservação ambiental e a busca pela qualidade de vida, através de processos destinados a ampliar a conscientização pública sobre as questões ambientais, por meio dos meios de comunicação de massa como as redes sociais. No entanto, o uso das redes sociais com esse propósito ainda é pouco explorado. Pensando nessa perspectiva, as redes sociais seriam uma boa ferramenta para divulgação de uma educação ambiental informal, sendo de grande relevância, possibilitando maior alcance para a população.

**Palavras-chave:** Alimentação; Resíduos Sólidos; Redes Sociais.

## **SOCIAL NETWORKS AS A STRATEGIC SPACE FOR THE PROMOTION OF SUSTAINABLE FOOD HABITS AND COMBATING THE EXCESSIVE GENERATION OF SOLID WASTE**

### **ABSTRACT**

This article proposes the use of social networks as a strategic space for the promotion of sustainable eating habits, intending, in this way, to combat the excessive generation of solid residues resulting from the packaging of industrialized foods. As a main objective, we sought to present the importance of using social networks as a strategic space for the dissemination of more sustainable eating habits in combating the excessive consumption of industrialized products that generate solid residues that, many times, are not recycled. The methodology adopted in this article was a literature review using primary and secondary sources. To this end, a bibliographic survey was developed, seeking references in different publications (theses, scientific articles, journals, among others) to support the entire theoretical context analyzed in this study. It was noticed that informal environmental education seeks to promote the formation of acts and attitudes for environmental preservation and the search for quality of life, through processes aimed at increasing public awareness of environmental issues, through the mass media, like social media. However, the use of social networks for this purpose is still little explored. Thinking about this perspective, social networks would be a good tool for the dissemination of informal environmental education, but of great relevance, and which would allow greater reach for the population.

**Keywords:** Food; Solid Waste; Social networks.



## 1. INTRODUÇÃO

A alimentação tem um papel fundamental na saúde humana. Logo, ter uma alimentação adequada e saudável, de acordo com as necessidades pessoais, é de extrema importância para o indivíduo e, também, para sociedade (BRASIL, 2014). Entretanto, a Organização das Nações Unidas (ONU) calcula que atualmente, cerca de três bilhões de pessoas no mundo não têm acesso a uma alimentação adequada.

Por alimentação saudável entendem-se os alimentos *in natura* e/ou os minimamente processados, de acordo com o Guia Alimentar Para A População Brasileira (BRASIL, 2014). Ainda segundo o guia, uma alimentação adequada e saudável deriva de um sistema alimentar social e ambientalmente sustentável, uma vez que este pode promover justiça social e proteger o meio ambiente, apontando para o fortalecimento da agricultura familiar.

O desenvolvimento constante da tecnologia se depara com problemas de saúde como desafios. O estilo de vida na atualidade, se caracteriza por um maior sedentarismo e uma alimentação com menos valor nutricional, tornando-se uma verdadeira crise de saúde pública que ameaça alterar a qualidade de vida de milhões de pessoas (DUARTE; TEIXEIRA; SILVA, 2021). O atual modelo de produção traz também consequências negativas para o meio ambiente em relação à geração de resíduos sólidos, desmatamento, produção de gases de efeito estufa - GEE, dentre outros (GAMA, 2020).

Ademais, tem ocorrido um aumento sistemático na produção de embalagens descartáveis advindas dos alimentos ultraprocessados. Com a supervalorização desses alimentos, seja pelo valor simbólico e social, seja pela praticidade, pois são produtos semiprontos, percebe-se que:

nesse processo de industrialização da alimentação, o alimento sofreu um processo de objetificação, isto é, no meio urbano/industrial, principalmente, o alimento passou a ser tratado como um objeto, desconsiderando a sua trajetória, seu significado e sua função sociocultural, transformando-se de um elemento essencialmente relacional para uma mercadoria (ZANETTI, 2017, p. 32).

A luta por uma alimentação de qualidade é, também, uma luta em favor da sustentabilidade. Pois com o aumento do consumo de produtos industrializados e ultraprocessados, aumentou-se o volume de embalagens descartáveis. Essa produção em larga escala adveio de uma revolução na distribuição desses produtos, tão significativa quanto à industrialização em si. Essa revolução contou com alta tecnologia e apoio do marketing, packing (tecnologia de ponta utilizada no processo de embalagem) e da publicidade (SILVA, 2020).

O Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil, publicado pela Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais - ABRELPE (2021) fornece dados com fundamentação científica que representam a realidade da gestão de resíduos do país no ano de 2020. De acordo com o Panorama, a geração de Resíduos Sólidos Urbanos (RSU) no Brasil sofreu influência direta da pandemia da COVID-19 durante o ano de 2020, aumentando de forma considerável a quantidade de resíduos gerados (ABRELPE, 2021).

Ainda de acordo com o Panorama, cada brasileiro gerou, em média, 1,07 kg de resíduo por dia, o que alcançou um total aproximado de 82,5 milhões de toneladas geradas durante o ano de 2020, aumento significativo em relação ao ano de 2019 (79 milhões de toneladas). Por sua vez, a geração per capita aumentou de 379 kg/ano para 390 kg/ano (ABRELPE 2021).

Entretanto, a quantidade de resíduos coletados aumentou no último ano, passando de cerca de 72,7 milhões de toneladas em 2019 para 76,1 milhões de toneladas coletadas no ano de 2020. O Panorama relaciona estes dados com o aumento na geração de resíduos domiciliares, aumento dos serviços de limpeza urbana e a quantidade de materiais dispostos com a Pandemia da COVID-19 (ABRELPE, 2021).

De acordo com o Atlas do plástico, o setor de alimentos é o segundo que mais consome plástico, cerca de 20,3%, perdendo apenas para o setor da construção civil. O Instituto de Política Ambiental Europeia relata que a maior parte do lixo plástico nos oceanos é proveniente de embalagens de alimentos descartadas, e o Brasil, não está por fora dessa conta. Segundo



estimativas, das 400 milhões de toneladas de plástico produzidas anualmente, cerca de um terço acaba de uma forma ou de outra no solo ou em águas interiores (STIFTUNG, 2020).

Além disso, o modelo hegemônico de industrialização tem se mostrado insuficiente no que diz respeito à nutrição adequada da população, às questões relativas à saúde e ao combate da obesidade, e tem se mostrado incompatível com a sustentabilidade ambiental (JUNQUEIRA; PERLINE, 2019).

Paiva *et al.* (2020), relatam que é necessário utilizar recursos para a promoção de uma alimentação saudável, e ao mesmo tempo, sustentável, uma vez que, é a partir desses meios que a sociedade constitui conhecimentos, valores, atitudes, reflexões acerca das questões ambientais e da alimentação saudável, tendo na Educação Ambiental - EA, uma ferramenta indispensável para a efetivação da promoção da saúde.

Segundo Layrargues (2002) a política dos 3Rs - Reduzir, Reutilizar e Reciclar - possui dois discursos, sendo um Oficial, que prioriza a reciclagem, não propondo, dessa forma, uma reflexão acerca da produção e do consumo exagerado de produtos com embalagens. O discurso oficial propõe outra ordem da política dos 3Rs, colocando em primeiro lugar a reciclagem, e reforça, dessa maneira, a hegemonia, não questionando os nossos valores e o consumismo. Já o outro discurso, chamado pelo autor de Alternativo, segue a lógica proposta pelos 3Rs, que enfatiza a redução do consumo, para depois seguir com as outras duas propostas, que são a reutilização e a reciclagem. Sendo esta, a última alternativa. O discurso Alternativo apresenta uma visão contra-hegemônica que vai na contramão do consumismo (LAYRARGUES, 2002).

Dessa forma, para que uma população seja consciente e engajada de seu papel na resolução de questões do seu país, independentemente de serem relacionadas à alimentação, é preciso fomentar muita discussão em diversos tipos de ambientes. Essas discussões podem acontecer por meio de uma educação ambiental crítica, sendo esta formal, não formal ou informal. Quanto mais se debater sobre direitos e deveres da população, mais esta estará apta a participar de decisões que visem o cumprimento de direitos e a melhoria da qualidade de vida.

Assim, tendo em vista o avanço tecnológico e o grande potencial comunicativo da internet, as redes sociais, que engloba diferentes recursos para divulgação de informações e para promoção do aprendizado ao público leigo (BUENO, 2009), pode ser um espaço estratégico muito interessante para a promoção da alimentação saudável e sustentável, na qual, visa levar conteúdos coloquiais para todo o público presente neste meio social virtual.

## **2. OBJETIVO GERAL**

Apresentar a importância da utilização das redes sociais como espaço estratégico para a divulgação e a promoção de hábitos alimentares saudáveis, e no combate à geração excessiva de resíduos sólidos.

### **2.1 Objetivos Específicos**

- Compreender o papel das redes sociais como espaço estratégico na sustentabilidade;
- Identificar a importância das redes sociais como ferramenta de divulgação e promoção da alimentação saudável e diminuição da geração de resíduos sólidos.

## **3. METODOLOGIA**

A metodologia adotada neste artigo é uma revisão bibliográfica realizada por meio de fontes primárias e secundárias. Galvão explica que:

Por meio de um levantamento bibliográfico não se pretende encontrar milhões de textos sobre um conceito genérico, mas encontrar informação precisa e relevante relacionada a um tema de pesquisa, em quantidade razoável a fim de que possa ser lida e analisada durante parte do tempo de realização de uma pesquisa (2010, p. 3).



A revisão bibliográfica foi iniciada através de pesquisa de leis, guias, periódicos, artigos, teses, documentos e dissertações do Google Acadêmico. Os termos verificados foram: i) resíduos sólidos; ii) redes sociais; iii) alimentação sustentável. A fim de delimitar os assuntos dos trabalhos analisados foram limitadas publicações que se tratavam das redes sociais *Facebook* e/ou *Instagram*, também sobre Educação Ambiental e a produção exacerbada de resíduos sólidos.

Assim, ao realizar uma revisão bibliográfica no contexto da pesquisa em questão, contribui-se para que seja analisada e identificada a importância das redes sociais ao se tratar de alimentação sustentável e a produção excessiva de resíduos sólidos. Dessa forma, a análise dos artigos foi predominantemente de cunho qualitativo, onde interpreta-se os sentidos das idéias centrais dos artigos escolhidos.

Nesse sentido, foram selecionados artigos e as informações coletadas foram analisadas de maneira crítica, levando em consideração aspectos do contexto de alimentação saudável e geração de resíduos sólidos, relacionando-os às redes sociais como espaço estratégico de promoção destas temáticas.

Para a escolha dos artigos, não houve limitação da pesquisa no que se refere a ano ou datas. As leituras foram organizadas de forma a se complementarem em sua devida importância e significado científico. Após a leitura dos artigos e documentos, buscou-se estabelecer um diálogo entre as temáticas encontradas e a literatura que serviu de base para introduzir o presente estudo.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Sobre alimentação saudável, considera-se, os argumentos do jornalista e escritor, Michael Pollan (2008), em não comer nada que não possa um dia apodrecer e evitar comidas contendo ingredientes cujos nomes você não possa pronunciar. Basta visualizar de forma mais cuidadosa na lista de ingredientes de alguns produtos ultraprocessados para encontrarmos substâncias cujos nomes são ininteligíveis.

Percebe-se dessa forma que “a lógica da sociedade moderna em relação ao consumo nem sempre caminha paralelamente à lógica da produção dos ingredientes que vêm diretamente da natureza.” (PELLERANO *et al*, 2012). Além da constante extração dos recursos naturais que dificultam a capacidade de regeneração da Terra (MOURA, 2015).

Ademais, os seres humanos só se permitem alimentar-se do que é aceito culturalmente. As estruturas culturais da alimentação se dão desde a infância. E as pessoas, semelhantemente, optam por alimentos que lhes conferem status social. Dessa forma, os alimentos são escolhidos por motivos muito além dos nutricionais ou das necessidades energéticas (JOMORI; PROENÇA; CALVO, 2008).

Durante a Pandemia da COVID-19, com mudanças nas dinâmicas sociais, observou-se que um novo paradigma foi atribuído aos alimentos, não só na forma de preparo, mas também no consumo. O consumo em restaurantes foi substituído pelo delivery e os demais descartes diários de resíduos passaram a acontecer nas residências (ABRELPE, 2021). Para Santana *et al* (2021), as refeições e as novas tecnologias digitais contribuíram para novas vivências e experiências de consumo, ressignificando a prática de comer e as escolhas alimentares.

Contudo, estamos todos sujeitos às más escolhas alimentares, seja pelo apelo ao paladar, seja pela conveniência, praticidade, fatores sociais, culturais ou econômicos (JOMORI; PROENÇA; CALVO, 2008). Com isso, muitas das nossas escolhas alimentares se refletem na produção excessiva de embalagens descartáveis, gerando um alto volume de resíduos sólidos urbanos.

Com isso, considera-se que a coleta seletiva não abrange a totalidade das áreas urbanas, sendo um fator de deficiência no processo. Dessa forma, a destinação final de RSU adequada, prevista na Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), continua sendo preocupante, pois a quantidade de resíduos em unidades inadequadas, como lixões e aterros controlados, segue em crescimento, passando de 29 para pouco mais de 30 milhões de toneladas por ano (ABRELPE, 2021).

Como visto na última gravimetria nacional, publicada pela ABRELPE, estimada com base na média ponderada a partir da geração total de RSU por faixa de renda dos municípios e suas respectivas gravimetrias, a fração orgânica responde por cerca de 45% de todos os resíduos gerados no país, isto é, pouco mais de 36 milhões de toneladas de restos de alimentos e resíduos



de poda, enviadas para disposição final e, logo, fonte de emissões de gases de efeito estufa (ABRELPE, 2020).

A consciência ambiental é de fundamental importância para a melhor compreensão das interações entre o ser humano e o meio ambiente, como a diminuição da geração de resíduos sólidos e a promoção de uma alimentação sustentável. De acordo com Almeida *et al* (2013) a Educação Ambiental - EA pode ser uma grande aliada na promoção de uma alimentação mais saudável, diminuindo, dessa forma, a produção excessiva de resíduos sólidos.

Por meio de pesquisa bibliográfica, foi possível identificar que ações educativas, como palestras e oficinas culinárias, proporcionam melhorias tanto na qualidade da alimentação, com maior consumo de verduras e alimentos *in natura*, quanto na diminuição da produção de resíduos sólidos (ALMEIDA *et al*, 2013)

Diante de tudo o exposto, considera-se que a EA, presente em espaços formais ou não formais, busca promover a formação de atos e atitudes para a contribuição com a preservação ambiental e a busca pela qualidade de vida, por meio de processos destinados a ampliar a conscientização pública sobre as questões ambientais, utilizando-se dos meios de comunicação de massa, como as redes sociais (COIMBRA; DE OLIVEIRA CUNHA, 2005).

Levando em consideração “o grande potencial de democratização da informação surgido também com o advento da Internet e das novas tecnologias da informação, a divulgação científica ganha destaque na comunicação das instituições” (BRITO, 2015, p. 1). No entanto, esse tipo de divulgação ainda é visualizado como um marketing científico em algumas universidades e/ou grupos de pesquisa, isso mostra a necessidade da formação de profissionais acerca da divulgação científica, buscando se especializar cada vez mais nesta área (MASSARANI, 2002; BRITO, 2015).

As redes sociais, atualmente, são os meios de comunicação virtual mais utilizados no mundo, existem o *Twitter*, *Facebook*, *Youtube*, *Instagram*, dentre outros, esses até alguns anos atrás não estavam presentes no cotidiano das pessoas, nem mesmo no meio científico. No entanto, com o avanço da realidade social e com a vivência do “poder das conexões, da aprendizagem coletiva, do compartilhamento social e de uma exposição sem precedentes de novas ideias e abordagens”, esses meios de comunicação vêm influenciando a vida de milhares de pessoas (VICENTE; CORRÊA; SENA, 2015; GIARDELLI, 2012, p. 22).

De acordo com Fernandes (2011), a sociedade vem sendo afetada, por meio das redes sociais, a criar hábitos, como a criticidade, entre sua rede de amigos ou não de tais plataformas, visto que cada vez mais este ambiente está presente na vida social da pessoa. Personi (2012), ainda diz que o ser humano está desenvolvendo outras habilidades como a criatividade, atenção e reflexão. Isso faz com que os profissionais da educação e científicos possam ressignificar suas práticas docentes, buscando maneiras de incluir esses meios de comunicação da atualidade.

Pensando nessa perspectiva, utilizar as redes sociais para promover um processo de aprendizagem em conteúdos de EA crítica, pode ser algo relevante, uma vez que, no âmbito virtual há possibilidades de alcançar pessoas de diferentes origens e classes sociais em uma mesma linguagem. Dessa forma, vale ressaltar que, é importante levar em consideração o uso de meios que tornem os assuntos publicados nas redes sociais, de modo acessível, na busca em atender toda a comunidade virtual, incluindo aquelas que possuem alguma deficiência.

## 5. CONCLUSÃO

Apesar do setor de resíduos possuir um rol de regulamentações, associações para ações de manejo e colaboradores em geral, é um setor transversal a diversas questões ambientais, sociais e econômicas, relacionadas a um conjunto de comportamentos, procedimentos e atitudes, sendo importante considerar a percepção ambiental do homem a partir do universo cognitivo e comunicativo por meio da Educação.

Nesse sentido, deve-se enfatizar a promoção de uma alimentação saudável e sustentável, por meio de uma Educação Ambiental, na construção de conhecimentos que possuam uma dimensão crítica reflexiva, como, por exemplo, repensar sobre a consciência no consumo, na qualidade da água, no destino, ou mesmo, na produção de resíduos sólidos, na abordagem do uso de agrotóxicos na produção de alimentos, entre outros. A alimentação saudável e sustentável, além



de contribuir com a qualidade de vida, valoriza os produtos regionais e a culinária local (ZANETTI, 2017).

Dessa forma, nota-se ser interessante levar em consideração a EA para além da sala de aula, pois assim, poderia-se, de alguma forma, alcançar além dos discentes, suas famílias, amigos e a sociedade geral (GONÇALVES *et al*, 2016). Pensando nessa perspectiva, as redes sociais seriam uma boa ferramenta de divulgação de uma educação ambiental informal, uma vez que, hoje em dia, é raro encontrar pessoas que não possuem acesso à internet, nem mesmo que não tenham conta em rede social, como por exemplo, o *Facebook* e *Instagram* (MACHADO; TIJIBOY, 2005).

Tendo em vista a nova era tecnológica em que a sociedade se encontra, é de grande relevância que assuntos acadêmicos como EA e alimentação saudável devam estar presentes nas redes sociais, visto que são meios de comunicação rápidos e práticos, o que pode gerar resultados positivos na promoção de hábitos alimentares que diminuam a geração de resíduos sólidos. Dessa forma, ao compreender as estratégias que possibilitam a divulgação para a reflexão e o entendimento do público em geral sobre os resíduos sólidos, poderá se alcançar resultados eficientes sobre alimentação sustentável.

Considera-se ainda, que as redes sociais devam ser mais exploradas, tanto em estudos específicos quanto em práticas de divulgação nas mesmas, visto que, ainda são poucos os estudos e pesquisadores que se dedicam a esse meio de comunicação para o ramo acadêmico.

## REFERÊNCIAS

ABRELPE, Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais . "Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil 2019-2020". 2021. 54 p.

ABRELPE, Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais . "Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil 2018-2019". 2020. 52 p.

ALMEIDA, E.; MONTANHA, S.; SANTANA, P.; SOARES, L. Educação Ambiental na escola: estudo da relação entre a alimentação e a produção de resíduos. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, v. 8, n. 2, p. 131-149, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de atenção Básica. Guia alimentar para a população brasileira / ministério da saúde, secretaria de atenção à saúde, departamento de atenção Básica. – 2. ed. – Brasília : ministério da saúde, 2014. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2014/novembro/05/Guia-Alimentar-para-a-pop-brasiliera-Miolo-PDF-Internet.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. Política Nacional de Educação Ambiental. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999.

\_\_\_\_\_. Política Nacional de Resíduos Sólidos. Lei nº 12.305, de 02 de agosto de 2010.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.305, de 02 de agosto de 2010. Brasília: Casa Civil. 2010.

BRITO, V. B. Divulgação Científica nas Redes Sociais: breve olhar sobre o conteúdo jornalístico da Universidade do Estado do Amazonas no Facebook. In: *Anais XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Rio de Janeiro. 2015. p. 1-11.

BUENO, W. da C. *Jornalismo Científico no Brasil*. Porto CM, org. Difusão e Cultura Científica: alguns recortes [on line]. Salvador. Edufba, 2009.

COIMBRA, F. G.; DE OLIVEIRA CUNHA, A. M. A Educação Ambiental não formal em unidades de conservação: a experiência do parque municipal Vitório Siquierolli. 2005.



DUARTE, Paulo; TEIXEIRA, Mariana; SILVA, Susana Costa. A alimentação saudável como tendência: percepção dos consumidores em relação a produtos com alegações nutricionais e de saúde. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, v. 23, p. 405-421, 2021.

FERNANDES, L. Redes sociais online e educação: contributo do Facebook no contexto das comunidades virtuais de aprendentes. Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2011.

FERREIRA, M. C.; ALVES, L.; TOSTES, N. Gestão de qualidade de vida no trabalho (QVT) no serviço público federal: o descompasso entre problemas e práticas gerenciais. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 25, n. 3, p. 319-327, 2009.

FRANKLIN, T. A. et al. Segurança alimentar, nutricional e sustentabilidade no restaurante universitário. *Rev. Saúde. Com*, v. 12, n. 1, p. 482-487, 2016

FURLAN, K. M. O direito humano à alimentação adequada sob uma perspectiva socioambiental: repercussões do controle hegemônico da vida através das grandes corporações de mercado. 2016.

GADOTTI, M. Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável. São Paulo, 2008.

GALLO, E. et al. Saúde e economia verde: desafios para o desenvolvimento sustentável e erradicação da pobreza. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, p. 1457-1468, 2012.

GALVÃO, M. C. B. O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica. *Fundamentos de epidemiologia*. 2ed. A, v. 398, p. 1-377, 2010.

GAMA, Ana Maria Cardoso de Freitas. Estudo das emissões e cenários de mitigação de gases de efeito estufa no setor de resíduos sólidos na Região Metropolitana do Recife. 2020.

GIARDELLI, G. *Você é o que você compartilha: e- agora: como aproveitar as oportunidades de vida e trabalho na sociedade em rede*. São Paulo: Gente, 2012.

GONÇALVES, J. dos S. et al. Educação ambiental além da sala de aula: proposta de uma sequência didática. 2016.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. *Cad. Pesqui.*[online]. 2003, n.118, pp.189-205. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>. Acesso em: 08 abr, 2021.

JUNQUEIRA, H., PERLINE, E. Gosto, ideologia e consumo alimentar: práticas e mudanças discursivas sobre plantas alimentícias não convencionais – PANC. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, vol. 20, n.2, 2019.

LAYRARGUES, Phillipe. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, C.F.B., LAYRARGUES, P.P. & CASTRO, R. de S. (Orgs.) *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania*. p. 179-219. São Paulo: Cortez. 2002.

LOPES, C. V. A.; ALBUQUERQUE, G. S. C. de. Agrotóxicos e seus impactos na saúde humana e ambiental: uma revisão sistemática. *Saúde em debate*, v. 42, p. 518-534, 2018.

MACHADO, J. R.; TIJIBOY, A. V. Redes Sociais Virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa. *RENTE-Revista Novas Tecnologias na Educação*, v. 3, n. 1, 2005.



MARTINS, H. H. T. Metodologia qualitativa de pesquisa. Educação e pesquisa, v. 30, n. 2, 2004, p. 289-300.

MASSARANI, L. Ciência e Público: Caminhos da Divulgação Científica no Brasil. Casa da Ciência/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2002.

PAIVA, M.; LIMA, P.; FIGUEIREDO, T. O potencial da compostagem para a sensibilização ambiental e redução dos resíduos orgânicos no ambiente escolar. Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, v. 7, n. 2, p. 81-89, maio 2020. ISSN 2359-2494. Disponível em: <<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/720>>. Acesso em: 29 abr 2021.

PETRINI, C. Comida e Liberdade: Slow Food - Histórias de Gastronomia para a Libertação. São Paulo: Senac. , 2015. 234 p.

POLLAN, M. Em defesa da comida- um manifesto. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008. 272 p.

RIBEIRO, H.; JAIME, P. C.; VENTURA, D. Alimentação e sustentabilidade. Estudos avançados, v. 31, n. 89, p. 185-198, 2017.

SANTANA, Aline Gomes; DA COSTA, Maria Lucia Gurgel; SHINOHARA, Neide Kazue Sakugawa. Alimentação em tempos de pandemia do Coronavírus: a resignificação de uma prática cotidiana e dietética. Research, Society and Development, v. 10, n. 3, 2021.

SILVA, M. Lixo e alimentação. Iluminuras, Porto Alegre, v.21, n.55, p. 127-153, dezembro, 2020.

STIFTUNG, H.B. Atlas do plástico: Fatos e números sobre o mundo dos polímeros sintéticos. Fundação Heinrich Böll, Rio de Janeiro, 2020.

ZANETI, T. Cozinha de raiz: as relações entre chefs, produtores e consumidores a partir do uso de produtos agroalimentares singulares na Gastronomia Contemporânea. Tese de doutorado. Porto Alegre, 2017.